

Centenário de Batista Pereira

Odilon Nogueira de Matos

A data de ontem assinalou o transcurso do centenário do nascimento de Batista Pereira, nascido em Pelotas, no Rio Grande do Sul, mas filho espiritual da Faculdade de Direito de São Paulo, como dele disse Américo Jacobina Lacombe. Viveu em Campinas no início de sua carreira, aqui concorrendo com Coelho Neto em famoso concurso para a Cadeira de Literatura de nosso tradicional Ginásio do Estado. Retirando-se depois para São Paulo, ali, pela mão amiga de Eduardo Prado, ingressou nas lides de imprensa, colaborando ativamente no antigo "Comércio de São Paulo". Entrando para a carreira diplomática, serviu como secretário de Rui Barbosa na delegação brasileira à Conferência da Paz, de Haia, em 1907. Muito afeiçoado ao grande brasileiro, de quem se tornou genro, dedicou muitos anos de sua existência a falar e a escrever sobre Rui Barbosa, especialmente após o seu falecimento, ocorrido em 1923.

Ensaísta e historiador dos mais notáveis, escritor dos melhores de nosso País, deixou uma obra vasta e variada, constituída em boa parte de discursos e conferências proferidas especialmente no Rio, em São Paulo, em Belo Horizonte e no Rio Grande do Sul. Os títulos de sua bibliografia são: "Pela redenção do Rio Grande" (libelo político inspirado pelo domínio borgista em seu Estado), "Rui estudante", "Civilização contra Barbárie", "O Brasil e a Raça", "Formação Espiritual do Brasil", "Brasilidade", "Figuras de Império e outros ensaios", "Vultos e Episódios do Brasil", "Diretrizes de Rui Barbosa", "Diário da Capela" (sobre a revolução paulista de 1932), "O Brasil e o anti-semitismo", "Pelo Brasil maior" (reunião de alguns traba-

lhos anteriores) e "A Cidade de Anchieta", ensaio de reconstituição de São Paulo no século XVI e que constitui, inegavelmente, seu mais importante trabalho de pesquisa histórica.

Embora este último trabalho tenha sido publicado em 1936, foi praticamente seu "canto do cisne", embora vivesse ainda mais quatorze anos, infelizmente com a saúde abalada nos últimos tempos.

Tendo se manifestado abertamente por São Paulo na revolução de 1932, foi preso e recolhido à chamada "Sala da Capela" do presídio da rua Frei Caneca, no Rio de Janeiro. Ali, fez circular entre seus companheiros de prisão um jornal manuscrito intitulado "Diário da Capela". Finda a revolução, todo o material desse pequeno jornal foi reunido em livro que recebeu o mesmo título. O bombardeio de Campinas pelos aviões da ditadura inspirou-lhe talvez a mais bela página já escrita sobre nossa cidade, infelizmente hoje completamente esquecida. Tentei reavivá-la por duas vezes, reproduzindo-a na "Notícia Bibliográfica e Histórica", publicação do Departamento de História de nossa Universidade Católica. Pretendo ainda reproduzi-la mais uma vez, quem sabe se nas páginas deste jornal, pois sempre me pareceu doloroso que os campineiros de hoje (e mesmo muitos de outrora) não a conheçam.

Seu centenário foi comemorado na terça-feira última, numa sessão conjunta da Academia Paulista de Letras e da Academia Paulista de História, cabendo ao autor desta nota a honra de ter sido o conferencista responsável pela evocação da significativa efeméride.